

## A ascensão, o fausto, a decadência, a importância e os riscos da Casa da Velha Senhora

### Prezada Editora:

– *Conta, vai!... Conta a história do Brasil!*

– *Eu não, eu não sou masoquista!*

“Auto dos 99 por cento” – Peça teatral do Centro Popular de Cultura da UNE – Anos 60

A *Senhora*, nascida nas terras de Santa Cruz, era de boa cepa. Descendia dos europeus que aqui aportaram e seus problemas disseminaram-se nos nativos entre quinquilharias lusitanas e palavras catequéticas dos doentios, mas dedicados jesuítas. Ainda que herança das caravelas, a Coroa nada fez para assistir os problemas a ela relacionados na colônia do pau-brasil.

No seguinte Império, um flagelo mortal bem documentado na capital do Rio de Janeiro, os amigos da *Senhora* continuavam quase sem nenhuma assistência. O quase coube à piedade e à misericórdia das casas santas, uma tradição que acompanhava os portugueses em suas navegações mar afora.

Nesses tempos, justificando o desinteresse, os amigos da *Senhora* incluíam predominantemente nativos locais, escravos trazidos da África e outros setores carentes da sociedade.

As notícias da Europa e os avanços dos conhecimentos influenciaram timidamente a República emergente. Até 1930, as iniciativas da sociedade foram bem mais presentes que as do setor público. Multiplicavam-se as ligas e as sociedades organizadas, embrião dos sindicatos e das atuais decantadas ONGs.

Como uma cortesã, a *Senhora* conquistava, em suas alcovas, figuras prestigiosas da medicina e da intelectualidade republicana: os paulistas Clemente Ferreira, Emílio Ribas e Guilherme Álvaro; os cariocas Hilário Gouveia, Cypriano de Freitas, Paranhos Pederneira, Clementino Fraga, Antonio Cardoso Fontes; os pernambucanos Octávio de Freitas e Fláclio Barbosa e os baianos Ramiro de Azevedo, César de Araújo e José Silveira.

O terreno era inóspito, mas as necessidades frente à amplitude que assumia aquela *Senhora* levaram o Estado a iniciar a construção de sua *Casa*. Sua amplitude, é verdade, além dos párias e produtores, alcançava alguns setores influentes, particularmente a intelectualidade, provocando um

mal-estar já experimentado por europeus e americanos do Norte.

Comentava-se, discretamente, que a Noite era responsável, pois nela, como nos Cemitérios, igualam-se os pobres e os ricos, nestes porque todos retornam ao barro, naquela, pela busca de prazeres e migalhas, onde a boêmia e a escuridão facilitavam a disseminação da influência da tal *Senhora*.

Desenvolvem-se, em 1941, as primeiras iniciativas ministeriais com a criação de um serviço voltado para construir uma *Casa* que albergasse a *Senhora* e seus amigos. O prédio era sólido em sua origem e, sem dúvida, contribuiu enormemente para impedir que o motivo de seu aparecimento se exacerbasse.

O aporte de verbas, pela pressão social e a dimensão do problema, permitiu um requinte raramente experimentado por construções similares. Seu estilo era barroco, competindo uma mistura de “nacional-modernismo” europeu e “realismo-tupiniquim” em seus adornos.

Nas estantes de sua biblioteca era fácil identificar, entre outras, obras de Kafka, Goethe, Rousseau, Robert Louis Stevenson, as Brontë (Charlotte, Emily e Anne), Thomas Mann, além dos poemas de Lamartine, Sir Walter Scott e Shelley e as peças de Molière e Anton Chekhov. Na seção nacional, Castro Alves, Augusto dos Anjos, Casimiro de Abreu, Emílio de Menezes, até Dinah Silveira e Manuel Bandeira, entre tantos mais. Obras de pintores famosos, como Jean-Antoine Watteau, Elizabeth Siddal e Modigliani disputavam as paredes com gravuras e fotos de famosas personagens, desde Cícero, Richelieu a Eleanor Roosevelt e Nelson Mandela, sem esquecer Marguerite Gautier, a “Dama das Camélias”, na verdade Maria Duplessis, uma prostituta de bons sentimentos, conhecida e imortalizada por Dumas Filho e a hollywoodiana Vivien Leigh. Tudo isso, acompanhados por um fundo musical clássico inebriante de Pergolesi e Paganini, o som predominantemente marcial de Chopin e óperas de Bizet. Para os mais ligados ao popular nacional, os prazerosos sambas de Noel Rosa ou as engajadas melodias de Gonzaguinha.

A *Casa da Senhora*, poderosa e imponente, dominou, por quase três décadas, a paisagem pública, com inegáveis contribuições e conquistas.

O tempo passou... Mudou a realidade... E a *Senhora* envelheceu...

Confiante de que suas recomendações, por si sós, seriam o suficiente para equacionar os problemas, preocupava-se

Endereço para correspondência – Rua Abílio Soares, 233, Paraíso – 04055-000 – São Paulo, SP. Tel./fax: (11) 885-7827; E-mail: fiuza@mandic.com.br

com o genérico e esquecia o trivial da aplicação de suas propostas.

Outra vez, entre os usuários da *Casa da* (agora) *Velha Senhora*, predominavam os humildes e subnutridos. E, com eles, o esquecimento social e a decadência. As velhas ligas e sociedades feneceram ou perderam a pujança do passado. A importância do passado, entretanto, era tanta, que ávidos mantenedores ainda disputavam suas alcovas e mezaninos, crentes no prestígio e nas benesses de um poder que se esvaíu.

Com recursos minguados e por não adaptar-se aos novos tempos, descuidaram de sua manutenção. Os jardins cobriram-se de mato, a pintura perdeu o vigor, tornaram-se sombrias suas dependências. O lixo era varrido para debaixo dos tapetes, os resíduos sem solução entupiam os esgotos, abalando as estruturas. Com o abandono, a *Casa da Velha Senhora* apresentava sérios riscos de desabamento, maculando com um odor mofo e pútrido a paisagem liberal-desenvolvimentista instalada nos arredores.

Por sorte ou conseqüência de desgraça semelhante, na área da *Casa da Velha Senhora* apareceram novas construções, uma delas bem a seu lado.

Era a *Mansão do Jovem Negro*, um *nouveau riche*, de origem intrigante e ecológica dos rincões africanos. Este migrante poderoso insinuou-se rapidamente nas metrópoles, favorecido pela liberação sexual e busca de prazeres venenosos, ganhando manchetes e importância. A pressão social também se fez presente, não por ligas e sociedades piedosas mas, agora, por ativas e intrépidas ONGs.

Com isso, fartura de recursos, modelando a *Mansão* tal como um "arranha-céu" do Norte continental e logo freqüentada por universalistas atentos e produtores miméticos, sequiosos pela oportunidade em auferir denodo e investimentos.

Aos amigos e visitantes do novo prédio, chamava a atenção aquela velha *Casa vizinha*, cujos limites acabavam por se confundir com os da *Mansão*.

## REFERÊNCIAS

1. Ribeiro L. A luta contra a tuberculose no Brasil. Apontamentos para sua história. Rio de Janeiro, 1956.
2. Reibaum J. Phthisis and the arts. In: Ron WN, Garay S, eds. Tuberculosis. New York: Little, Brown and Co., 1996.
3. Fiuza de Melo FA. Problemas atuais da tuberculose: correlação com a Aids, multirresistência, riscos ocupacionais e outros. Entrevista. *Âmbito Hospitalar* 1993;8.
4. Fiuza de Melo FA. Tuberculose e Aids. Relações e coincidências. *Cadernos pela Vida* 1993;10.
5. Rosemberg J. Tuberculosos notáveis. *Pneumologia Paulista* 1993;6.
6. Silveira J. Uma doença esquecida. A história da tuberculose na Bahia. Salvador: Centro Editorial e Didático, 1996.

Com parentes emergentes acima do equador, a *Velha Senhora*, aqui permanente e estigmatizada, continuava com ampla influência social, olvidada pela falsa certeza de problema solucionado e principalmente pela desimportância de seus usuários.

De sobra, a convivência com o *Jovem* do lado, quem daria, permitiu à *Velha Senhora* conquistar novamente amigos importantes. Uma supervisão seguida de dote providenciou uma reforma na *Casa*, na tentativa de recuperar o fausto dos tempos idos.

Seja por negligência ou pelo modo afoito com que se fez a reforma, o lixo e os resíduos foram esquecidos. Desavisados que nela adentrem podem cair ao tropeçar na elevação do tapete. Permanece o risco de ela ruir na cabeça de reformadores precipitados.

A *Casa da Velha Senhora*, ainda que esquecida, mantém-se profundamente arraigada na população, exigindo respeito e atenção que esta realidade lhe confere.

Uma reforma responsável pode gerar lucros e benefícios, tanto para humildes visitantes, amigos constantes, abnegados colaboradores e mesmo para ávidos mantenedores.

Há, entretanto, que não esquecer do seu lixo *crônico* e seus resíduos *multirresistentes*. O risco será torná-los rotineiros...

*Qualquer semelhança com a tuberculose e o HIV é mera coincidência.*

*Inspirado em pacientes portadores de TB multirresistente que reativaram sua doença, após meses de escarro negativo, por falta de medicação para continuidade do tratamento alternativo.*

FERNANDO AUGUSTO FIUZA DE MELO

Médico do Instituto Clemente Ferreira e do Serviço de Doenças Respiratórias do HSPE-SP – São Paulo